

PROFICIÊNCIA IDIOMÁTICA: FLUENTE EM CONVERSAÇÃO OU POSSE DE CERTIFICAÇÃO?

Nicole Evelyn Carvalho de Oliveira¹
Saulo Machado Mello de Sousa²

RESUMO

Este artigo aborda a temática da área de linguística aplicada com foco de conversação, fluência e oralidade a partir de um questionamento acerca dos conceitos de fluência e proficiência idiomática em relação ao nível de conhecimento e suas percepções sobre tal. Para isso foi realizado uma de coleta de dados contemplando 82 respostas de um público amplo. Dentro da coleta de dados, houveram questões objetivas, discursivas e dissertativas no qual o público mostrou-se acessível e interessado. Após o recebimento das respostas do público, foi possível observar não somente os índices percentuais das respostas de questões objetivas, mas o empenho das respostas discursivas e dissertativas, em que em alguns casos apresentaram seus relatos em relação à idiomas específicos. Corroborando assim, a importância da discussão dessa temática de modo mais amplo, alcançando diversos públicos.

Palavras-chave: Fluência; Idioma, Comunicação, Ensino, Prática.

INTRODUÇÃO

O aprendizado de uma nova língua é um grande desafio linguístico e desperta inúmeros questionamentos ao longo do processo, seja pelo objetivo de alcançar tal ato ou mesmo pelo tempo do processo. O seguimento da prática da língua, possibilita o aumento das atividades cerebrais auxiliando em melhorias em diversas capacidades além de proporcionar o conhecimento não somente o idioma em si, mas também da cultura na qual a língua está inserida. O desempenho de cada estudante pode ser demonstrado de diversas formas, sendo mais comumente, a facilidade da comunicação entre sua língua materna e o idioma pretendido.

O alcance da fluência torna-se desejado por grande parte das pessoas que ingressam no aprendizado de um novo idioma. Contudo, nota-se que há diferentes percepções sobre o seu real significado. Visto que, entre o período de admissão até a

¹ Graduanda do Curso de Geofísica da Universidade de Brasília – DF e Física da Universidade Paulista - DF, nicoleevelyncarvalho@gmail.com;

² Professor orientador: Doutorando em Literatura, Universidade de Brasília - DF, greensaulo@gmail.com

conclusão do curso, muitos estudantes acabam se perdendo sobre sua autopercepção no desenvolvimento linguístico. Assim, com a obtenção de uma certificação, muitos se intitulam fluentes ou mesmo proficientes em determinada língua.

Após o convívio com diversos grupos de estudos e cursos de idiomas, percebe-se uma desanexação no que é caracterizado como fluência no contexto idiomático. Visto que durante a vivência do curso e avanço no grupo de estudos, a quantidade de certificações e locais das emissões desses certificados são levados em conta no que é considerado fluência. A partir disso levantou-se um questionamento acerca do nível de conhecimento acerca da temática de fluência idiomática e suas percepções sobre ela, tornando-se assim objetivo dessa pesquisa.

METODOLOGIA

Entende-se aquisição, como um processo de desenvolvimento e internalização de algo, ou seja, é a capacidade de aquisição do conhecimento de forma espontânea e natural por meio da interação com o ambiente ao qual a pessoa faz parte (SOARES, 2016). Nesse processo é necessário que haja o contato contínuo com a língua do ambiente em questão, uma vez que a língua é o sistema mais completo e natural de comunicação. Apresentando um dinamismo linguístico, ou seja, evolui conforme o desenvolvimento da comunidade. Deste modo, a linguagem, ou seja, capacidade humana de utilizar sinais linguísticos com intuito de transmissão e recepção de mensagens, faz parte de um pressuposto básico de que indivíduos utilizam uma série de simbologias (signos e sinais) que auxiliam na prática de conversação. Sendo através dessa prática constante a conquista da fluência.

Nisso, as certificações de níveis idiomáticos alegando fluência ou alta capacidade de conversação podem estar equivocados. Ainda sim, isso não anula a importância da aquisição de certificações, uma vez que são através deles que há ascensão em informações acerca do tema selecionado. Dado que a posse de certificações comprova uma ligação entre o cursista e o conteúdo apresentado, demonstrando atualização, aprimoramento, dedicação, interesse e esforço por parte do requerido. Infelizmente, a obtenção de um certificado não garante em totalidade que o indivíduo possua um conhecimento mais aprofundado sobre determinado assunto. Ou mesmo o oposto, em que um indivíduo não possua nenhuma certificação e não tenha um conhecimento demasiado sobre determinado assunto.

Em prol da temática discutida, realizou-se uma coleta de dados através de uma série de questões sobre fluência idiomática em um formulário disponibilizado gratuitamente pela plataforma Google Formulários. Esse processo de coleta de dados contemplou 82 respostas de um público masculino (40,7%) e feminino (59,8%). A análise de dados foi realizada através dos percentuais das respostas (para questões objetivas) e através da observação do parecer dos participantes (para questões subjetivas).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A fim de obter respostas mais diversificadas, não foi selecionado um público alvo em específico. Assim, as respostas são provenientes de um público amplo, com uma faixa etária distribuída entre pessoas com até 18 anos (6,1%), 18 a 25 anos (51,2%), 25 a 30 anos (17,1%), 30 a 40 anos (14,6%) e 40 a 60 anos (11%). A escolaridade mostrou-se bem ampla sendo distribuída entre ensino fundamental II (1,2%), ensino médio (6,1%), graduação (80,5%), pós graduação (6,1%), mestrado (4,9%) e doutorado (1,2%). A língua materna de grande parte das respostas foi a Língua Portuguesa - Brasil (97,6%), seguido da Língua Brasileira de Sinais (1,2%) e Língua Francesa (1,2%).

Acerca das questões sobre fluência, inicialmente, direcionou-se uma questão sobre o nível de fluência com sua língua materna, em que a maior parte (96,3%) respondeu se considerar fluente, outra parte respondeu não se considerarem fluentes, porém conseguem se comunicar com outros nativos (2,4%) e o restante disse não ser fluente (1,2%). Posteriormente foi questionado se sabem outros idiomas fora a língua materna, no qual o resultado foi em grande parte positivo, sendo Inglês (47%), Espanhol (22,45%), Francês (9%), Libras (5,9%), Japonês (2,8%), Alemão (2,5%), Coreano (1,8%), Italiano (1,3%), Mandarim (1,6%), Esperanto (0,7%), Turco (0,45%), Árabe (0,3%), Grego Clássico (0,2%) e apenas 4% não sabem outro idioma além do idioma nativo. Das línguas citadas apenas 29% do total dizem ser fluente em alguma dessas línguas.

Em seguida foi questionado acerca do que é fluência em relação à recepção da mensagem, sendo que as alternativas poderiam ter mais de uma opção de escolha, e a resposta com mais aceitação foi sobre ter a capacidade de entender a pessoa nativa perfeitamente (62,2%), sequeitamente a segunda resposta mais aceita foi da pessoa não ter o entendimento gramatical perfeito do nativo, mas ainda, conseguir entender a

mensagem (30,5%), a terceira foi de ter a capacidade de entender a pessoa nativa razoavelmente (17,1%) e a resposta menos aceita foi acerca do entendimento do que está sendo falado através não somente do idioma, mas ter o apoio de mímica e outros recursos para que a mensagem chegue de maneira clara (14,6%).

Em seguida foi questionado acerca do que é fluência em relação à devolução da mensagem, sendo que as alternativas continham apenas uma opção de escolha, sendo 46,3% respondeu que se deve saber a gramática perfeita do idioma e saber devolver a mensagem corretamente e 40,2% disse que a pessoa pode saber a gramática perfeita do idioma e não saber falar corretamente (seja pela forma correta das palavras ou pela ordem das palavras/sinais), 8,5% das respostas disse que se pode responder com o idioma do nativo e usar mímica como apoio para que a mensagem chegue o mais clara possível e apenas 5% relata que pode não saber a gramática perfeita do idioma mas ainda sim conseguir devolver a mensagem (mesmo que com erros). Nessa questão havia ainda uma outra opção que dizia ser capaz de entender tudo o que a pessoa está falando, mas não saber devolver a mensagem na língua do nativo e ela não foi marcada por ninguém.

À respeito de erros gramaticais, foi questionado se são aceitáveis em uma pessoa que se considera fluente. E notou-se que 81,7% respondeu que é mais aceitável um estrangeiro que se diz fluente em outra língua do que em relação à um brasileiro que se diz fluente em outra língua (79,9%). Ainda nesse questionamento sobre aceitação de erros, foi perguntado ao público se achavam que as pessoas do seu idioma materno são mais críticas em relação à sua própria fluência com outros idiomas do que com pessoas de fora aprendendo seu idioma materno, como por exemplo, um brasileiro aprendendo inglês é mais crítico com seu nível de fluência do que um norte-americano aprendendo português, e 81% das pessoas relataram que de fato existe esse nível crítico, 13,5% relatou não haver esse nível de criticidade e 5,5% não soube responder.

Sabe-se que muitos professores não nativos de um idioma lecionam para pessoas que desejam aprender uma nova língua, assim, foi questionado sobre as experiências de aprender um idioma com professores não nativos, sendo que as alternativas poderiam ter mais de uma opção de escolha, grande parte respondeu de forma positiva ressaltando que é ótimo desde que a pessoa tenha a devida formação e saiba lecionar (43,9%), ajudou no crescimento, pois tiveram liberdade de errar e as correções possibilitaram melhorar (43,9%), ajudou e inspirou no processo de aprendizado (24,4%), parte dos entrevistados

responderam ser indiferentes, sendo que tanto faz ser com um nativo ou com um não nativo desde que aprendam (42,7%), e parte responderam de forma negativa atrapalhando no processo de aprendizagem devido à zombaria em relação ao sotaque e erros (7,3%), atrasando no desenvolvimento, pois não sabiam a língua corretamente (1,2%) e ainda relataram ser errado aprender um idioma com um não nativo, pois precisa ser com um nativo da língua (1,2%).

Sobre a definição de fluência, 75,6% respondeu que significa conseguir conversar de modo fluido (entender e falar) mesmo com erros e 24,4% disse ser a comunicação plena. Havia ainda a opção sobre a quantidade de certificados que um indivíduo possui, contudo não houve nenhuma marcação. Em relação à suas próprias concepções do que é fluência, foi relatado, de maneira mais abrangente, ser uma comunicação eficiente entre um nativo e um não nativo, mesmo com erros. A comunicação não ocorre mais de forma mecânica, ocorrendo sem “travas” e com fluidez no raciocínio e na fala, concomitantemente sem esforço, relata um dos entrevistados.

“saber se comunicar em outro idioma, com esforço e flexibilidade, mesmo com erros, pois no nosso idioma materno também erramos. Não se trata sobre perfeição gramatical, mas sobre o melhor que podemos fazer para nos comunicar” (Entrevistado X).

“Claro que manter uma conversa fluída é uma das partes essenciais da fluência, mas saber a gramática não machuca também. É a partir da gramática que se desenvolve intuição pra desenvolver o pensamento em outra língua, sem ter que ficar no famoso "primeiro pensar em português pra depois traduzir pra língua x", porque as estruturas muitas vezes são diferentes e esse tipo de raciocínio simplesmente não funciona. Diria que é essencial também manter um contato diário, se ligar nas expressões idiomáticas, nas gírias e transformar a língua em uma parte do dia a dia, porque fluência é viver o idioma.” (Entrevistado Y).

Sobre a possibilidade de ser fluente em mais de um idioma, além do seu idioma materno, 98,8% dos entrevistados relatou ser possível enquanto 1,2% relatou ser difícil pela idade e tempo de tentativa sem sucesso.

Acerca da possibilidade em ser fluente sem ter contato com um nativo, a maioria das pessoas relataram que é possível, mas é necessário ter o contato contínuo com a língua seja através de filmes, séries, música, entre outros (79,3%), outros relataram ser possível mesmo sem o auxílio de recursos (13,4%) e o restante relatou não ser possível (7,3%).

A respeito da possibilidade em ser fluente sem conhecer as gírias/expressões do idioma, as respostas alternaram entre não ser possível (2,4%) e não ser possível visto que as gírias e expressões fazem parte da comunicação do indivíduo (59,8%), ser possível (22%) e ser possível visto que gírias e expressões não fazem parte da comunicação do indivíduo, apenas de um nicho em específico (15,9%).

Sabendo que o meio de comunicação é um dos principais elos de uma comunidade, com isso, foi questionado se os entrevistados acreditavam que ser fluente está além de conhecer apenas a língua em que 87,8% respondeu que sim e 12,2% respondeu que não acredita.

Por anos, acreditou ser possível mensurar um tempo estimado para uma pessoa se tornar fluente, e grande parte dos entrevistados relatou não existir um tempo mínimo ou máximo para isso ocorrer, visto que cada pessoa tem seu próprio processo de aprendizado. Além disso, o nível de contato com a língua é uma das maiores variáveis. “Tudo vai depender da qualidade da imersão na língua e da bagagem de conhecimento gramatical, ou mesmo de outras línguas de origem semelhante”, relata um dos entrevistados.

“Acredito que depende muito da pessoa, do esforço, do tempo e dedicação que ela tira para isso. E principalmente da vontade (sonho). Cada pessoa tem seu nível e tempo. Então especificamente acredito que não necessariamente, vai de cada um. Conheço pessoas que cada um foi um tempo diferente, umas mais rápidas, outras nem tanto... e outras que até hoje tentam essa fluência” (Entrevistado Z).

Como questionamento final, foi aberto um espaço para complementarem suas respostas, e muitos entrevistados complementaram o conceito de fluência e relataram situações de como a convivência com nativos de respectivos idiomas corroboraram seu domínio (ou não domínio) na língua, abrindo um questionamento sobre sua percepção da língua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O envolvimento do conhecimento acerca de vocabulário, escrita, entendimento e fala, ou seja, o uso da língua na comunicação, pode ser conhecido por duas formas: fluência e proficiência. A primeira caracteriza-se por uma comunicação que ocorre de forma espontânea, com fluidez e naturalidade, com certo domínio da língua, possibilitando compreender em certa profundidade aspectos científicos e comunicativos. A proficiência, contudo, além de abranger o conceito de fluência, exige ter uma capacidade de utilizá-la em circunstâncias de diálogos formais e informais, comuns em situações de ambientes acadêmicos, políticos, jornalísticos, entre outros. Sendo essa última ter como necessidade de certificação para comprovar sua veracidade.

Através do formulário foi possível observar que a maior parte dos entrevistados são brasileiros que possuem um vínculo universitário, sendo a maior parte da área de graduação, se considerando fluentes em sua língua materna. A maioria possui contato com a língua inglesa, espanhola, francesa, respectivamente. De forma que esse contato se dá por maioria em nível intermediário. Nos questionamentos acerca da fluência em questão de recepção da mensagem, a maioria acredita que se dá pela capacidade de entender a pessoa nativa perfeitamente e devolver a mensagem de modo igualmente perfeito ou mesmo usar algum outro recurso para que a mensagem chegue ao receptor de maneira clara. Percebeu-se através das respostas que, um estrangeiro possui uma menor pressão e nível de criticidade em relação à fluência e erros gramaticais em comparação à um brasileiro. Sobre a experiência de aprender um idioma com não nativos, foi identificado uma indiferença sobre o ensino de um nativo ou não nativo, ressaltando que a pessoa deva ter a devida formação para tal ato, e das pessoas que receberam esse ensino, informaram que receber aula com um não nativo contribuiu de modo positivo na sua formação. Contudo, ainda sim, o aprendizado não excluiu a importância de ter um contato com recursos de auxílio, e principalmente com convivência de um nativo. Nos relatos sobre o conceito de fluência idiomática notou-se, de forma unificada, caracteriza-se pela comunicação fluida entre um originário do idioma e um não originário, conhecendo as gírias e expressões da língua. Foi relatado ainda que é possível ser fluente em outros idiomas além da língua materna, mas que não há um tempo mínimo para que a fluência ocorra. Além disso, o conceito de fluência não está atrelado a conhecer apenas a língua, mas também outros fatores como cultura e comunidade. Não sendo determinado pela quantidade de certificações ou locais das emissões desses certificados, visto que durante

os momentos de subjetividade das questões essa temática não teve aparição e, sim, o nível de conhecimento da língua.

Durante o colhimento de informações, haviam indivíduos que informaram ter concluído alguns cursos de língua estrangeira, obtendo comprovação de fluência, mas devido à falta de prática se consideraram como iniciantes na língua em questão. Isso mostra a importância da prática de conversação nas escolas e nos centros de línguas, e principalmente dos beneficiários diretos do ensino do idioma. Ou seja, é necessário que haja uma prática constante na língua para que assim ocorra uma melhor fixação do conteúdo. Além desse relato, também houveram relatos de fluência através de prática direta, sem nenhuma comprovação por certificados.

Pode-se concluir assim que, a fluência relaciona-se pelo domínio comunicativo de uma língua e não somente por certificações. E que a posse de certificações é de extrema importância para a capacitação do indivíduo, mas não garante fluência na língua após certo tempo de emissão.

AGRADECIMENTOS

À Deus por me conceder a oportunidade de realizar essa pesquisa e crescer no âmbito acadêmico, intelectual, social e individual através da LIBRAS, língua que me motivou a iniciar essa pesquisa.

Ao apoio familiar pelo incentivo à pesquisa.

Às instituições de ensino de línguas e grupos de estudos que participei ao longo dos anos, em que muitas vezes a temática de fluência era discutida.

Aos entrevistados que responderam ao formulário, visto que, sem eles a realização dessa pesquisa seria mais difícil.

Ao professor Saulo Machado pela disposição, ajuda e estímulo da elaboração desse artigo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, J.C.P. **Fundamentação e Crítica da Abordagem Comunicativa de Ensino de Línguas**. In: *Trabalhos em Linguística Aplicada* 8, 1986.

_____. **O professor de língua estrangeira sabe a língua que ensina? A questão da instrumentalização linguística.** In: Contexturas 1, 1992. p.77-85.

BARCELOS, A.M.F. **A Cultura de Aprender Língua Estrangeira (Inglês) de Alunos Formandos de Letras.** Dissertação de Mestrado em Linguística Aplicada. Campinas: Unicamp, 1995.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal.** 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

CABRAL DOS SANTOS, J.B. **A Aula de Língua Estrangeira (Inglês) Modulada pelo Livro Didático.** Dissertação de Mestrado em linguística Aplicada. Campinas: Unicamp/IEL, 1993.

CARMAGNANI, A. M. **Ensino centrado no aluno: a adequação de uma proposta metodológica no contexto brasileiro.** São Paulo, 1993.

GESSER, A. **A língua de sinais como língua estrangeira: aplicabilidade de métodos-padrão de ensino.** Revista do Mestrado Em Educação Araucárias, Palmas PR, v. 01, n.01, p. 87-90, 2002.

_____. **LIBRAS? Que língua é essa? : Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

_____. **O ouvinte e a surdez: sobre ensinar e aprender a Libras.** I. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. 200p.

SCARPA, E. M. **Sobre o Sujeito Fluente.** In: Cadernos de Estudos Linguísticos, 29, 1995.

SOARES, H. S. **Aquisição e aprendizagem da Libras em uma criança surda: Um estudo de caso.** Trabalho Final de Curso – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília. Brasília, p. 107. 2016.